



MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA DA ARTE TÉCNICA: APONTAMENTOS INICIAIS PARA SUAS RELAÇÕES

CAROLINA MORAES MARCHESE¹; THIAGO SEVILHANO PUGLIERI²

¹*Universidade Federal de Pelotas, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES – caroulinam@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – tspuglieri@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente texto aborda uma das questões fundamentais do projeto de doutoramento intitulado "Percorso material e influências materiais em pinturas murais de João Fahrion: uma abordagem da história da arte técnica no Rio Grande do Sul". Esse projeto investiga a produção mural do artista através de sua materialidade, numa reflexão sobre a relação de estilo, técnicas construtivas e materiais artísticos. Abordagens dentro da História da Arte Técnica são raras no Brasil, especialmente pelo fato de envolverem metodologias e técnicas de caracterização química nas investigações. Mais raras ainda são as reflexões sobre a interface dessas abordagens materiais com memória e identidade, tema fundamental dentro do projeto, que é desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

Para compreender como se articulam, neste caso, os conceitos de memória e identidade no âmbito dos estudos patrimoniais e de história da arte técnica, são apresentadas aqui algumas noções básicas destes temas, a fim de posteriormente sustentar um cruzamento mais efetivo destes campos para a construção de artigo completo.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico deste estudo específico é a revisão bibliográfica dos temas de pesquisa e o estabelecimento de um diálogo conceitual entre estes. Entretanto, é importante destacar que a experiência prática em laboratório, nas etapas de imageamento e análises físico químicas, se configura como o lugar em que este pensamento de articulação de conceitos e estabelecimento de relações teve seu início.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar em memória coloca os sujeitos frente ao seu maior medo: o esquecimento. Seja na área da neurociência ou seja na das ciências humanas, o inimigo parece ser sempre o mesmo, a luta é contra o apagamento de nossas lembranças; o desaparecimento de nossa capacidade de reconhecimento e a extinção de nossos traços característicos. Além disso, a inquietação reside na obliteração de tudo aquilo que nos permite pertencer a algum grupo e guardar alguma marca identitária - e aqui já se estabelecem relações da memória com o patrimônio cultural: a de pertencimento e a de reconhecimento.

Preservar a memória torna-se alternativa viável para lidar com o fenômeno de esquecimento do passado, pois a memória, como se sabe, é "um fenômeno complexo no qual se luta pelo sentido do passado de um grupo ou de uma sociedade" (COLACRAI, 2010, p. 72 - tradução do autor). A matéria, por sua vez, pode, ou não, ser agente ativador e comunicador da memória, desde que essa matéria seja devidamente utilizada para essa finalidade. Particularmente, a



dimensão da memória associada à matéria se dá com a profundidade e a variedade de investigações físicas, químicas e documentais realizadas no objeto.

No caso específico do patrimônio tangível/material - interesse principal deste trabalho - deve-se ter em mente a questão da finitude dos objetos, de modo que apenas a memória permanece caso a matéria se desfaça. A finitude dessa matéria pode se dar em grande parte pelas ações do tempo ou do homem. Essa última não se dá apenas com vandalismos e guerras, por exemplo, mas com a ação de intervenções profissionais. A matéria, sabe-se, é perene, à despeito de todo tratamento de conservação e restauração que possa ser dispensado à ela.

Alternativas para contornar o esquecimento e potencializar a memória associada a um objeto são o registro, a documentação e a investigação física (estética, mas também técnica) e química. Nesse sentido, a abordagem proposta pela História da Arte Técnica atua, também, na preservação da memória dos objetos patrimoniais ao permitir melhor conhecê-los. Essa abordagem interdisciplinar propõe um novo entendimento dos bens culturais ao analisar seus modos de fazer e relacioná-los com questões artísticas e históricas que não podem ser compreendidas com o uso de outras metodologias disciplinares tradicionais.

Ao admitir uso de conhecimentos próprios das Ciências Naturais no estudo de obras de arte, a História da Arte Técnica abre novos horizontes para pesquisas destes artefatos (AINSWORTH, 2005; ROSADO, 2011). Anteriormente de caráter documental, estudos atuais têm revelado diferentes e importantes informações e pontos de vista do modo construtivo de objetos, e exemplo disso é a pesquisa em torno da Arte Concreta brasileira, empreendida pelo *Getty Conservation Institute* (GCI, Estados Unidos) em parceria com o Centro de Conservação e Restauração da Universidade Federal de Minas Gerais (CECOR - UFMG) e a Universidad Nacional San Martin (UNISAM, Argentina), que mostrou avanços na integração entre os profissionais conservadores-restauradores, cientistas do patrimônio e historiadores e críticos de arte no âmbito, inclusive, brasileiro. Resultados prévios foram apresentados no simpósio "Arte concreta e vertentes construtivas: teoria, crítica e história da arte técnica", ocorrido em 2018.

Para desvelar qualidades materiais intrínsecas aos objetos podem ser utilizadas técnicas de imageamento e análises físico-químicas. Como exemplo "simples" da aplicação dessas técnicas, o uso de imagens obtidas com luz visível (obtidas em suas diversas configurações experimentais) é fundamental para a compreensão do objeto artístico, uma vez que através da observação de suas características físicas (especialmente em imagens de alta resolução, em que um alto nível de detalhamento é conseguido) pode-se realizar a interpretação de diversos processos pelos quais o bem em questão passou em sua história. Tais características físicas são aqui denominadas "rastros visíveis", pois correspondem a vestígios a serem explorados com vistas ao entendimento da manufatura e da transformação desse objeto. Assim, é possível, no caso de pinturas, por exemplo, realizar uma leitura visual que busque compreender as ações manuais adotadas pelo artista, como: pinceladas, sobreposições de camadas, utilização de outros instrumentos como espátulas e esponjas, texturas, etc. Todas essas informações são e podem ser complementadas com o uso de outras radiações eletromagnéticas ou técnicas de caracterização química

A nomenclatura utilizada aqui, "rastro", não é colocada de forma ocasional. A idéia de rastro surge através de Paul Ricoeur, em "A memória, a história e o esquecimento" (2007). Trata-se de uma noção de uso indiscriminado, mas que comporta basicamente três abordagens: aquilo que "escrito num suporte material, impressão-afecção "na alma", impressão corporal, cerebral, cortical" (RICOEUR,



2007, p. 34). Rastro, portanto, é compreendido aqui como toda e qualquer ação material - por força humana ou da natureza - sofrida por um objeto artístico durante o percurso do tempo, que remete à sua memória e à sua identidade.

Neste sentido traz-se também para o trabalho a teoria proposta por Salvador Muñoz Viñas (2005), que entende os processos de conservação-restauração como uma eleição de valores a serem mais ou menos despertados nos objetos patrimoniais, que envolvem questões não somente técnicas, mas culturais e políticas. Para o presente trabalho tal abordagem é ponto de convergência entre o campo da História da Arte Técnica com os estudos de memória e identidade.

4. CONCLUSÕES PARCIAIS

O tema da memória não se resume apenas a comentar sobre o passado e sua relação com o presente - uma vez que nem mesmo para a neurociência essa ideia ainda se aplica; mas de considerar aquilo que “[...] está presente em nossos corpos, em nosso idioma, no que valorizamos, no que tememos, e no que esperamos. A memória nos identifica como indivíduos e como coletividade.” (ROSARIO, 2002).

Dentro dessa perspectiva há que considerar que a história da arte constitui-se como um grande elo com o passado e que deve, portanto, ser permanentemente reelaborado, buscando novas interpretações e metodologias. Assim, este trabalho aponta para a ampliação das relações entre memória, identidade, patrimônio cultural e história da arte técnica brevemente iniciadas neste texto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINSWORTH, M. W. From connoisseurship to Technical Art History- The Evolution of the Interdisciplinary Study of Art. In: The Getty Conservation Institute Newsletter, v.20,n. 1, 2005.

COLACRAI, Pablo. Releyendo a Maurice Halbwachs. Una revisión del concepto de memoria colectiva”. **La Trama de la Comunicación**, Volumen 14, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSADO, Alessandra. **História da arte técnica: um olhar contemporâneo sobre a práxis das Ciências Humanas e Naturais no estudo de pinturas sobre tela e madeira**. 2011. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

ROSARIO, Claudia C. O lugar mítico da memória. Morpheus, ano 1, n.1, 2002.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Contemporary Theory of Conservation**. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.